



Súditos da “Princesa do Igarauçu”: trabalhadores em Parnaíba-PI na década de 1970

Subjects of the “Princess of Iguaraçu”: workers in Parnaíba-Pi in the 1970s

Pedro Vagner Silva Oliveira

Mestrando em História
Universidade Federal de São Paulo
pedro_w@rocketmail.com

Recebido em: 15/12/2016

Aprovado em: 04/09/2017

Resumo: Esta investigação tem por objetivo analisar a partir da imprensa de Parnaíba, os trabalhadores que moravam e labutavam nos povoados situados na Ilha Grande de Santa Isabel na década de 1970. Parnaíba, cidade litorânea piauiense, nesse período, possuía domínios tanto no continente, quanto em uma ilha. Nosso intento é iluminar os sujeitos históricos, mais precisamente os trabalhadores que habitavam nessa insula. Enquanto a “cidade” era descrita na imprensa como “imã”, atrativo para os trabalhadores da região, os povoados eram entendidos enquanto provedores de alimentos para a *urbes*. Por sua vez, esses trabalhadores que alimentavam a cidade pouco eram contemplados na imprensa do período. Com o advento do turismo no cenário piauiense, os povoados aos poucos foram ganhando novo significado, passando a ser entendidos não apenas como “despensas”, mas também como pontos turísticos.

Palavras-chave: Parnaíba, Trabalhadores, Cidade.

Abstract: This investigation aims to analyze, starting from the Parnaíba's press, the workers who lived and toiled in the towns settled on Ilha Grande de Santa Isabel in the 1970s. Parnaíba, a seaside city of Piauí, in this period, had domains both on the continent and on an island. Our intention is to highlight the historical subjects, more precisely the workers who inhabited this island. While the "city" was described in the press as "imam", attractive to the workers of the region, the towns were understood as *urbes*'s food suppliers. In their turn, these workers who fed the city were little contemplated in that period's press. With the advent of tourism in the Piauí's scenery, towns gradually gained new meaning, becoming understood not only as "pantries" but also as tourist spots.

Keywords: Parnaíba, Workers, City.



Introdução:

As cidades não são somente um emaranhado de ruas, prédios e logradouros. Elas são também campos de lutas e conflitos sociais, espaços de projetos políticos e de vivências. Partindo desse mosaico de vários “lugares” dentro de um, que são as cidades, este trabalho visa estudar trabalhadores na cidade de Parnaíba, no litoral piauiense.

O *corpus* documental desta investigação é composto por jornais que circulavam em Parnaíba durante a década de 1970 e que se encontram preservados. Este estudo se faz importante devido um “sintoma” que observamos na historiografia local: a pouca visibilidade acerca de trabalhadores não-urbanos de Parnaíba. O historiador Paulo Knauss afirmou que “toda cidade tem muitas histórias”. Contudo, de acordo com ele, “nem sempre a historiografia sobre as cidades reconhece essa multiplicidade”¹.

No caso de Parnaíba, a maioria dos trabalhadores investigados eram indivíduos que moravam na denominada parte urbana, como por exemplo, ferroviários², homens e mulheres comerciantes³. Esses grupos e outros trabalhadores urbanos, são de certa forma contemplados em estudos na área de história pelos historiadores locais. Tendo isso em vista, o presente trabalho tem por objetivo, contribuir para o debate sobre os trabalhadores, abordando sujeitos que viviam fora da malha urbana e possuíam grande importância para a economia da cidade em questão.

Observa-se que esses habitantes têm sido – ainda que timidamente – contemplados pela historiografia local⁴, deixando a condição de sujeitos “invisíveis” pela escrita da história de

¹ KNAUSS, Paulo. A cidade como sentimento: história e memória de um acontecimento na sociedade contemporânea - o incêndio do GranCircus Norte-Americano em Niterói, 1961. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 27, n. 53, p. 25-54, jan/jun. 2007, p. 25.

² CERQUEIRA, Maria Dalva Fontinele. **Entre trilhos e dormentes**: a estrada de ferro central do Piauí na história e na memória dos parnaibanos (1960-1980). Dissertação (mestrado em História); 169 f. Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História, Teresina, 2015. 146 p.

³ TOURINHO, Mary Angélica Costa. **Por dentro da história**: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930 a 1950); 240 p. Tese (doutorado em História). Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em História, Assis, 2015. 211 f.

⁴ Aos poucos, estudantes de História do Campus de Parnaíba da Universidade Estadual do Piauí, têm mostrado preocupação em investigar em algumas monografias uma “outra Parnaíba”, em especial aos lugares situados na outra margem do Igarapé. São esses pesquisadores e seus respectivos trabalhos: BRAGA, Daniel Souza. **Catadores de Caranguejo do Delta**: história e memória (1960-2010) Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2013. GOMES, Luana Bittencourt. **“Ilha de brancas dunas”**: história e memória do bairro Tatus em Ilha Grande do Piauí (1975- 2015); 56 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2015. 39 p.; OLIVEIRA, Pedro Vagner Silva. **Correndo na vela**: experiências e modos de vida de trabalhadores do Delta (1975-2014). 98 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2014, 98 f; SOUZA, Matheus Oliveira. **A urbe, o rio e a ilha**: Parnaíba através de suas relações com os trabalhadores ribeirinhos do Delta do Rio Parnaíba (1975-2015). 123 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2015. 99 p e SANTOS, Edgleison Souza dos. **Vozes que vem do mar**: natureza, cultura e relações de poder no litoral parnaibano (2008-2016) 50 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira,



Parnaíba. Partindo disso, nosso intento é também iluminar um pouco esses sujeitos e lugares pouco analisados, contribuindo desse modo para uma “outra” historiografia parnaibana.

O centro da cidade de Parnaíba é descrito na historiografia local pelos seus espaços de sociabilidades e pelos casarios de diversos períodos. Este conjunto arquitetônico localiza-se ao longo da atual avenida Presidente Vargas entorno. A Praça da Graça, um dos principais espaços do centro parnaibano, possuía e ainda possui duas igrejas, da Graça e do Rosário. Recanto não apenas de missas e festejos religiosos, mas também de passeios, flertes e divertimentos. Segundo Sérgio Mendes, até a década de 1970, “a população parnaibana tinha na Praça da Graça o seu local de encontros e acontecimentos mais festejados, era portanto, um dos lugares mais praticados pelos cidadão”⁵.

Para Daniel Braga, “quando se fala de diversão e sociabilidade em Parnaíba logo se pensa no Cassino, no Cine Éden, nos passeios e namoros na praça da Graça”⁶. Esses lugares marcaram a memória dos parnaibanos que moravam ou moraram no espaço urbano durante anos, porém, nem toda a população cidadina ocupava alguns desses espaços. Um desses locais, era o Cassino 24 de Janeiro, nele eram realizados os carnavais de salão, frequentado somente pela elite - os trabalhadores pobres urbanos ficavam à parte, festejando na rua.

Se aqui havia a materialidade do espaço urbano e vivências cidadinas, na outra borda do rio Igarauçu, no acidente geográfico chamado Ilha Grande de Santa Isabel⁷, localizavam-se povoados pertencentes ao município de Parnaíba que possuíam aspectos rurais. Eram alguns desses povoados: Morros da Mariana, Canto do Igarapé, Cal, Tatus e Pedra do Sal. Locais pobres e que funcionavam como provedores⁸ de alimentos para Parnaíba. Os elos em comum entre esses lugares

Parnaíba, 2017. 43 p. Alguns desses estudos foram adensados em dissertações de mestrados defendidas nos programas de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí – UFPI e da Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP. Conf. BRAGA, Daniel Souza. **Corp-oralidades**: experiência corporal e memória de trabalhadores dos rios e dos mangues no povoado dos Morros da Mariana/PI (1970-1980). 145 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História, Teresina, 2016. 125 p; e OLIVEIRA, Pedro Vagner Silva. **Mar à venda**: pescadores e turismo no “Piauí novo” (anos 1970). 205 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História, Guarulhos, 2017. 174 p.

⁵ MENDES, Sérgio Luís da Silva. **Sem medir as palavras**: atuações do *Jornal Inovação* em Parnaíba – PI (1977-1982). 138 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História, Teresina, 2012, p. 94-95.

⁶ BRAGA, Daniel Souza. **Corp-oralidades**: experiência corporal e memória de trabalhadores dos rios e dos mangues no povoado dos Morros da Mariana/PI (1970-1980). 145 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-graduação em História, Teresina, 2016, p. 123.

⁷ No período em questão a Ilha Grande de Santa Isabel era pertencente ao município de Parnaíba. No começo dos anos 1990, parte da insula desmembrou-se de Parnaíba, ganhando autonomia política e dando lugar a um novo município chamado de Ilha Grande do Piauí.

⁸ Termo utilizado pelos periódicos parnaibanos da época para se referirem ao território para além do rio Igarauçu. Em uma das edições analisadas, pode-se ler, “os habitantes da Ilha Grande e adjacências [...] formam o maior celeiro econômico do município [de Parnaíba]. Conf. Não é sonho mas realidade. *Folha do Litoral*. 26 de fev. 1975, p. 1.



são vários, desde as funções econômicas até as necessidades mais básicas da população e a riqueza da paisagem natural.

Nos periódicos analisados, a “outra margem do Igaracu” nos anos 1970 era lugar de mazelas, falta de urbanização, higiene precária e pobreza material. Em reportagem datada de 1977, o jovem estudante Reginaldo Costa para o *Jornal Inovação*⁹ afirmou, “a ponte Simplício Dias da Silva serve de divisa de um mundo para outro, para inúmeros pontos que, no conceito geral, podem se chamar de ‘povoados’”¹⁰. Os indivíduos desses povoados viviam da pesca, agricultura, pecuária e do extrativismo animal, como por exemplo a cata de caranguejos e mariscos e da extração vegetal.

Opondo-se à imagem insular de atraso e pobreza¹¹, a Parnaíba continental¹² era concebida nos mesmos periódicos como torrão de enorme potencial econômico. Seja econômica ou simbólica, a “cidade” era tributária da Ilha Grande de Santa Isabel e também das demais ilhas do Delta. O inverso também ocorria: havia forte relação de dependência entre esses locais. Parnaíba era alimentada pelos “celeiros”, ou melhor, pelos povoados. Dentre estes, Morros da Mariana, que segundo o matutino *Norte do Piauí*¹³, era “uma das nossas grandes fontes de abastecimento em arroz, frutas, verduras, legumes diversos, etc”¹⁴.

Com a finalidade de delimitar o espaço temporal, essa investigação tem como recorte a década de 1970. Esta fatia temporal justifica-se pois, no começo dos anos 1970 observamos nos periódicos os discursos que pautavam o desenvolvimento parnaibano, o turismo e a exploração das paisagens naturais. Até a primeira metade dessa década, o estado estava aos poucos se transformando, ganhando nova “roupagem”.

Sob a chefia do executivo do estado entre 1971 a 1975, estava o engenheiro parnaibano Alberto Tavares Silva. Sua agenda política e principal meta, era alterar a imagem do estado

⁹ Fundado em 1977 pelos jovens parnaibanos Francisco José Ribeiro e Reginaldo Ferreira da Costa, possuía a tiragem de 1000 edições mimeografadas e circulava mensalmente, sobrevivendo por cerca de 10 anos. Suas primeiras edições tinham a média de 20 páginas, ao longo do tempo, o número de páginas foram diminuindo ou oscilando entre essa dezena.

¹⁰ COSTA, Reginaldo. Canto do Igarapé. *Jornal Inovação*. dez. 1977, p. 2.

¹¹ Sobre o atraso na parte insular de Parnaíba conferir. COSTA, Reginaldo. A cidade. *Jornal Inovação*. fev. 1978, p.4. Ressaltamos, contudo, que nem toda a Parnaíba do continente possuía a imagem de rica. Os subúrbios parnaibanos, tais como a Quarenta, Coroa e Tucuns - atuais Mendonça Clarck, Bairro do Carmo e São José respectivamente - dentre outros, eram tidos na imprensa citadina como bairros proletários e igualmente pobres. Sobre isso conf. O flagelo. *Norte do Piauí*. 06 de jul. 1974, p.1.

¹² Utilizamos o termo “Parnaíba continental” para designar toda a parte do município que não se situava na Ilha Grande de Santa Isabel. Desse modo fazia parte de “Parnaíba continental” o centro e os bairros da cidade.

¹³ Fundado em 1963 por Mario Meireles. De acordo com algumas edições do seu contemporâneo *Folha do Litoral*, o *Norte do Piauí* na segunda metade da década de 1970 era propriedade de um vereador ligado à Aliança Renovadora Nacional-ARENA e redigido por outro ligado ao Movimento Democrático Brasileiro-MDB. Sobre isso conferir *Folha do Litoral*. 04 de jun. 1975, p.1

¹⁴ Estrada “Morros da Mariana” In: *Norte do Piauí*. 4/5 de nov. 1978, p.1.



nordestino, mostrando-o dinâmico e em consonância com o ideário de “Brasil grande” vivido na época do “milagre brasileiro”, isto é, entre 1968-73. Nessa gestão, investimentos foram trazidos ao estado e sua capital era o principal símbolo dessa emergente imagem. Para Claudia Fontineles, Teresina era “considerada a vitrine da modernização nas décadas de 70 e 80”¹⁵. Ainda segundo Fontineles, durante a gestão de Alberto Silva, “a um Piauí miserável contrapunha-se um Piauí próspero, que acordava para o progresso, parceiro inseparável do novo”¹⁶.

Fábio Nadson Mascarenhas afirmou que “o ‘milagre’ não chegava ao município de Parnaíba, onde as comunidades dos bairros marginalizados não tinham acessos aos mais elementares benefícios do poder público”¹⁷. Discordamos em partes da análise deste historiador. O “milagre” foi sentido sim em Parnaíba, prova disso era a edificação da Ponte Simplício Dias da Silva. Símbolo do governo Alberto Silva em sua cidade natal e do “milagre” em terras parnaibanas, sendo inclusive tratado de tal forma pelos periódicos. Em um de seus editoriais, o *Folha do Litoral*¹⁸ afirmava que essa obra era “o maior feito do engenheiro Alberto Silva, na sua cidade”¹⁹.

Entretanto, concordamos com Mascarenhas que nem todo o município sentiu os efeitos positivos do “milagre”. A partir de 1975, notamos o agravamento de problemas sociais enfrentados pela população mais pobre de Parnaíba. Dentre eles, em um editorial datada de 1978, o jornal *Folha do Litoral* afirmava que era “elevado o número de desempregados existente nesta praça”²⁰, para o periódico, isso “[era] de certa forma uma prova de que Parnaíba não está tão bem como pensam”²¹.

Além disso, havia ainda a impotência do projeto turístico para o litoral piauiense. O turismo, apesar de ainda ser acreditado até os anos 1980 como uma nova atividade geradora de riqueza para o município, mostrava-se com o passar dos anos, ineficaz. Compreende-se ainda, a partir desse mesmo material pesquisado, as relações de poder no território parnaibano como um todo e o silenciamento no trato com os trabalhadores que moravam fora da área urbana de Parnaíba.

¹⁵ FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio da crítica**: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. Tese (Doutorado em História). 375f. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História. 2009, p. 20.

¹⁶ _____. **O recinto do elogio da crítica**, p. 150.

¹⁷ MASCARENHAS, Fábio Nadson. **Inovadores parnaibanos**: a produção do Jornal Inovação em Parnaíba de 1977 a 1982. 120f. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009, p. 61.

¹⁸ Fundado em 1960 por João Batista da Silva, homem ligado ao Movimento Democrático Brasileiro – MDB. Este jornal era simples e com poucas imagens que em sua maioria eram anúncios e fotos de políticos que ilustravam alguma matéria, a cada três dias uma nova edição circulava entre seus leitores. Contava com uma média de 6 páginas por edição. O *Folha*, além dos colaboradores em Parnaíba, tinha correspondentes no Rio de Janeiro e em Fortaleza.

¹⁹ Editorial. A cidade está em festas. *Folha do Litoral*. 9-10 de mai. 1975, p. 2.

²⁰ Editorial. A ociosidade em Parnaíba. *Folha do Litoral*. 08 de jul. 1978, p. 1.

²¹ Editorial. A ociosidade em Parnaíba. *Folha do Litoral*. 08 de jul. 1978, p. 1.



Parnaíba: “Princesa do Igarçu”

Ao longo de sua história, Parnaíba foi um importante centro urbano. Desde o começo de sua ocupação a cidade se firmou como lugar de progresso²². Palco de trocas intensas, de comércio e pioneira entre as cidades do estado do Piauí²³, a cidade tornou-se espaço privilegiado para a comunicação de ideias e costumes.

Gercinair Gandara, categoriza Parnaíba enquanto uma “cidade-beira”. De acordo com a historiadora, cidade-beira é aquela que “além das ribeiras de águas doces margeia também as águas salgadas e os diversos meios de circulação e de contato, via férrea, estradas, caminhos, rodovias, pistas de pousos, linha de telégrafo, vizinhanças de um modo geral, etc.”²⁴.

Com todo esse aparato que propicia as migrações e o fluxo de pessoas, as chamadas cidades-beiras se distinguiriam das cidades ribeirinhas, pois, Gandara entende que essa segunda categoria de cidades são lugares que estão “às margens de águas doces, rios, ribeirões e córregos”²⁵.

A cidade-beira permite a troca de experiência, de costumes e de técnicas devido à comunicação de pessoas propiciada por uma série de aparatos, tais como: ferrovias, estradas, aeroportos, portos marinhos ou hidroviários. Em concordância com Gandara e a partir dessa ótica de cidade-beira, Parnaíba foi por nós pensada. Referência para o norte piauiense, a referida era entendida nesse período como “mercado natural e centro de convergência das populações e terras adjacentes do delta parnaibano”²⁶. A cidade historicamente serviu de válvula de escape para os problemas sociais de municípios vizinhos. Maria Dalva Fontenele Cerqueira afirma que “em razão da atividade comercial e marítima, Parnaíba possuía e ainda possui representatividade e importância econômica entre os municípios que compõem a região Norte do Estado do Piauí”²⁷.

Nos anos 1970, assim como atualmente, pessoas vindas do Delta ou de municípios da região norte do Maranhão e Ceará se constituíam como habitantes temporários ou migrantes

²² Não somente os periódicos e a historiografia local afirmam o privilégio de Parnaíba em termos geográficos, o que teria favorecido seu desenvolvimento, mas também fontes oficiais fazem essa indicação. De acordo com o recenseamento feito no começo da década de 1980 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, “esta cidade, dada a sua localização no delta do Parnaíba, à pequena distância do mar, foi durante décadas a mais populosa e o principal entreposto comercial do Piauí”. Conf. **Sinopse preliminar do Censo demográfico**: Piauí. IBGE, Rio de Janeiro. 1981, p.17.

²³ São vários os artigos dos periódicos que afirmavam o pioneirismo da cidade, qualidade essa bastante “disseminada” em edições que veiculavam na semana do aniversário de Parnaíba. Dentre eles conf. Aniversário da cidade. *Folha do Litoral*. 15 de ago. 1973, p.1.

²⁴ GANDARA, Gercinair Silvério (org.). **Natureza e Cidades**: o viver entre águas doces e salgadas. Goiânia: Editora PUC/UNIEVANGÉLICA Goiás, 2012, p.116.

²⁵ _____ **Natureza e Cidades**, p. 116.

²⁶ TAVARES, J. de Castro. Perfis e conceitos In: **Almanaque da Parnaíba**. 1978, ano 55, p.215.

²⁷ CERQUEIRA. **Entre trilhos e dormentes**, p. 75.



sazonais, que se dirigiam à Parnaíba para fazer compras, vender suas mercadorias ou morar, na esperança de mudar de vida. Os mais jovens que tinham oportunidade, transitavam “diariamente para os Ginásios em nossa cidade”²⁸. Os pais quando possuíam algum parente na cidade enviavam os filhos para morarem com eles, a fim de que as crianças estudassem e tivessem um futuro melhor para que, assim, ajudassem à família.

A “cidade” era tratada nos jornais, *Folha do Litoral, Norte do Piauí e Inovação* como oposição à pobreza material a qual os povoados viviam. Idealizada pelos seus habitantes, a cidade, grosso modo, não é apenas espaço físico ou território, ela é ainda local em que as pessoas sociabilizam e criam uma forte identidade, extrapolando a paisagem natural sendo assimilada também para o plano simbólico, perpassando para o imaginário das pessoas.

Segundo José D’Assunção Barros, o imaginário pode ser entendido como “um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas”²⁹. Como será visto adiante, a ponte Simplício Dias dentro do contexto aqui estudado, foi um ícone de (res)significação.

Parnaíba nos periódicos da década de 1970 aparecia como lugar de orgulho para os seus habitantes. Vê-se nas páginas dos jornais o ufanismo apresentado por parte dos parnaibanos. Em alusão ao 130º aniversário da cidade, o *Norte do Piauí* em seu editorial mostrava aos leitores que a cidade ao longo de sua história estivera “à frente do desenvolvimento do Estado com seu pioneirismo”³⁰. Este passado, dito “glorioso”, era constantemente revisitado nos editoriais, matérias e textos das fontes hemerográficas do período em questão.

O continente, isto é, a cidade, tinha a identidade marcada pela opulência de seu pretérito. “Cidade invicta”³¹, outro termo bastante utilizado pela imprensa da época para referir-se à Parnaíba,

²⁸ Estrada “Morros da Mariana”. *Norte do Piauí*. 4/5 de nov. 1978, p.1.

²⁹ BARROS, José D’Assunção. Imaginário, Mentalidade e Psico-História – uma discussão historiográfica. **Labirinto**. Porto Velho, ano 5, n. 7, p. 1-30, jan/jun. 2005, p. 8.

³⁰ 130 anos. *Norte do Piauí*. 14 de out. 1974, p.1.

³¹ Durante a pesquisa não foi encontrado o significado desse termo nos jornais analisados, contudo o uso desse epíteto era recorrente nos periódicos para referir-se à Parnaíba, apesar disso, encontramos no site “Portal Costa Norte”, um artigo do ex-prefeito de Parnaíba, Lauro Andrade Correia (1963-1966), o qual afirma que tal epíteto foi alcançado pela cidade “quando os parnaibanos, todos estiveram unidos em 1943 na memorável Campanha Cívica pela manutenção do nome da cidade, pois decreto-lei federal estabeleceu que a nossa Parnaíba passava a ser denominado POTI, ficando a cidade Parnaíba, em São Paulo, com sua denominação conservada” (CORREIA, 2016). Para conferir o artigo na íntegra, acessar <http://portalcostanorte.meionorte.com/parnaiba-duas-cidades>. Acessado em 19/07/2016. A campanha pela conservação a qual se referiu o ex-prefeito, pode ser vista no artigo especial publicado no *Almanaque da Parnaíba* de 1944, por Alarico da Cunha que categoricamente afirmava, “na revisão do quadro territorial do Brasil, pretende o governo [sic] da República evitar a repetição dos topônimos das cidades e vilas. Em vista dessa determinação legal, Parnaíba sentiu-se ameaçada de perder o seu nome secular, por estar provada que a sua homônima de São Paulo



indicava a importância dessa urbes. Dentro do seu território continental, a cidade buscava elementos, símbolos de seu “poderio”, estes quase sempre localizados nos espaços centrais do município.

Para Raquel Rolnik, “a cidade guarda marcas de vários tempos e processos sociais no espaço urbano construído, materializando sua própria história como uma espécie de escrita no espaço”³². No caso de Parnaíba, o centro tornou-se, se é possível a comparação, um palimpsesto. A área “mais urbanizada”, mostra em suas artérias e logradouros as diversas ocupações feitas ao longo do tempo³³.

O centro por ter sido durante anos lugar de moradia³⁴ da elite e centralizar – contudo vale lembrar que não monopolizava – os serviços, investimentos urbanísticos e o comércio do município, formaria as bases da identidade cidadina. De modo igualmente interessante, pode-se notar as relações entre Parnaíba continental e a insular a partir dos periódicos. Para além dos periódicos, algumas fotografias também são indícios desses fluxos de pessoas.

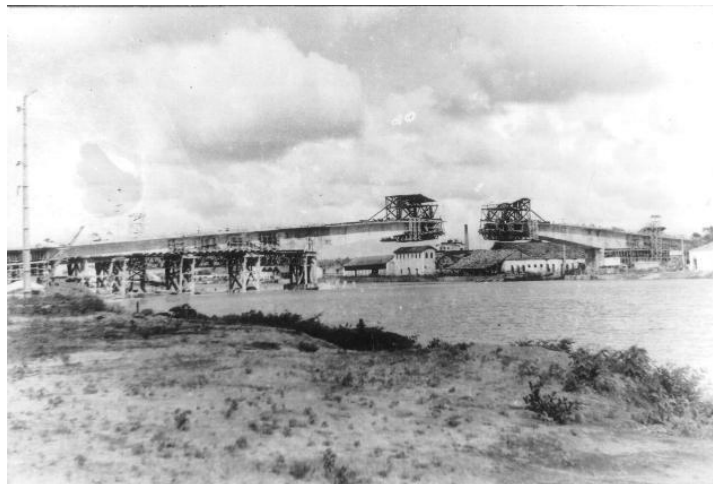
Na imagem a seguir, a ponte Simplício Dias não aparece; ela ainda não havia sido construída. Em primeiro plano se vê o rio Igaráçu, que, como dito anteriormente, separa a Ilha do continente. No lado esquerdo da foto, existem vários barcos aportados com uma espécie de cobertura. São os vareiros do rio Parnaíba, barcaças movidas pela força humana que traziam carvão vegetal e transportavam pessoas que moravam nas cidades ribeiras ao rio até a capital. Ao centro tem uma canoa, meio de transporte que fazia a travessia Ilha/Parnaíba.

é mais antiga [...] A vetuste cidade bandeirante, que pode ser considerada um subúrbio da imponente capital paulista, é apenas um núcleo industrial, ofuscado pelo progresso das grandes cidades edificadas naquele florescente Estado da Federação brasileira; ao passo que a Parnaíba do Piauí, além de ser uma cidade litorânea e sede de Comarca desde 1833; é a mais comercial deste Estado e portadora de um nome de glória nos anais da Pátria”. CUNHA, Alarico da. O Nome de Parnaíba In: *Almanaque da Parnaíba*. Parnaíba: Gráfica Americana. 1944, p. 237. Como exemplo conf. FILHO, R. Ferraz. Parque Humberto de Campos. *Folha do Litoral*. 25 de fev. 1978, p. 4.

³² ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1998, p. 9.

³³ Apoiamos a ideia de que o centro de Parnaíba é um palimpsesto pois, outros estudos abordam as diversas ocupações humanas ao longo da história da cidade. Palimpsestos eram pergaminhos que se apagavam antigos escritos e os quais coisas novas eram escritas no lugar do que fora apagado. Essa região da cidade aqui em estudo se assemelha a essa ideia. Sobre a arquitetura como marca de diversas “escritas” humanas sobre o tecido central parnaibano, conferir. MELO, Neuza Brito de Arêa Leão. **O Ecletismo Parnaibano**: hibridismo e tradução cultural na paisagem da cidade na primeira metade do século XX. 200f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011, p. 200.

³⁴ Sobre a ocupação do centro como moradia da elite parnaibana conferir. FIGUEIREDO Diva Maria Freire. Arquitetura e Urbanismo no Piauí: formação e identidade In: ARAÚJO, Maria Mafaldo Balduino de; EUGÊNIO, João Kennedy. **Gente de longe**: histórias e memórias. Teresina: Halley, 2006.



Construção da ponte Simplício Dias da Silva, começo dos anos 1970³⁵.

A “cidade” até meados da década de 1970 mantinha relação com a Ilha de Santa Izabel e seus povoados exclusivamente por meio de barcos e canoas que faziam a travessia de pessoas pelo rio Igarauçu. Nesses cruzamentos feitos diariamente, os trabalhadores deveriam aproveitar o momento para se socializar, rever amigos, parentes e inclusive, debater sobre a política local. Em uma nota, o *Folha do Litoral* de 1973 relatava que “duas verdureiras conversavam na canoa da passagem, sobre o acesso político do ‘João’”³⁶.

Esse sujeito que ascendeu politicamente era morador do povoado Morros da Mariana. A nota do *Folha do Litoral* indica que mesmo que com pouca instrução formal, os trabalhadores dos povoados insulares não eram sujeitos ignorantes sobre a política local, pelo contrário, eles possuíam consciência do cenário político, chegando até mesmo a debater sobre esse tema nos momentos mais ordinários de se cotidiano, por outro lado, se observa a importância desse tema na vida desse grupo.

Encontramos várias edições que retrataram essas travessias, dentre elas, uma matéria datada de 1973 do *Folha do Litoral*³⁷. Segundo esse jornal, o cruzamento era realizado “em frágeis embarcações, sujeitas, muitas vezes, à fatalidade de um naufrágio, o que já quase se torna comum no período invernos, quando a correnteza, naquele rio, é muito veloz, perigosa mesmo”³⁸. Com

³⁵ Imagem disponível em: <<https://parnaibaemfoco.files.wordpress.com/2013/09/construc3a7c3a3o-porto-das-barcas.jpg>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

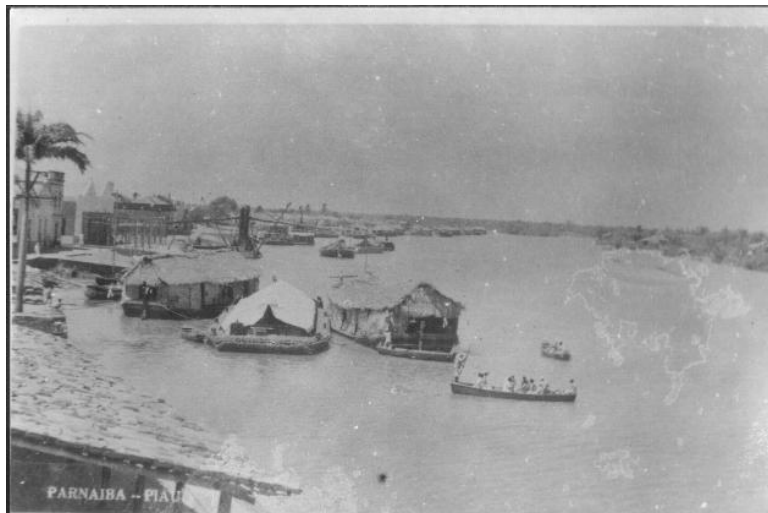
³⁶ B. Fofocalizando. *Folha do Litoral*. 19 de mai. 1973, p.6.

³⁷ Jornal fundado em 1960, circulava uma nova edição a cada três dias. Contava com uma média de 6 páginas por edição. Além dos colaboradores em Parnaíba, o *Folha do Litoral* possuía correspondentes no Rio de Janeiro e Fortaleza.

³⁸ A ponte. *Folha do Litoral*. 24 de out. 1973, p.1.



as fortes chuvas, o rio Igarauçu ganhava maior volume e profundidade, as águas tornavam-se mais barrentas e velozes, aumentando a periculosidade da travessia.



Travessia do Igarauçu, Parnaíba, meados do século XX³⁹.

Para além dos periódicos e das memórias orais⁴⁰ e escritas⁴¹, fotografias de Parnaíba, como por exemplo, a imagem acima, ilustram as travessias. Nesse clichê, há uma canoa de madeira com algumas pessoas. A nave estava indo em direção à Ilha. Pescados, assim como o arroz e outros produtos agrícolas, eram trazidos pelos moradores de diversas comunidades a fim de serem comercializados no mercado de Parnaíba.

No ano de 1975 houve uma mudança significativa no município. Nos últimos anos da gestão do já citado Alberto, foi construída a ponte Simplício Dias, cuja função era integrar a parte parnaibana insular ao continente. A construção traria melhoria tanto para os povoados da Ilha quanto para a região do Delta. Símbolo de “avanço”, a obra para a imprensa da época era “mais um atestado do nosso progresso, do nosso desenvolvimento, de que estamos trabalhando e marchando com o Brasil”⁴². A ponte simbolizava que Parnaíba se alinhava com o discurso desenvolvimentista da ditadura civil-militar.

³⁹ Diderot Mavignier. Foto calibrada por Giorgio Richard Nunes Silvério.

⁴⁰ Não discutiremos essa fonte nesse artigo. Contudo, os trabalhos já mencionados sobre os povoados utilizaram narrativas orais de indivíduos que vivenciaram essa experiência.

⁴¹ Sobre as travessias do Igarauçu retratadas nos livros de memórias conferir. SILVA, Maria da Penha Fonte e. A Ponte Simplício Dias In: **Parnaíba, Minha terra (crônicas)**. Parnaíba, 1987, p.16.

⁴² A ponte. *Folha do Litoral*. 22 de out. 1973, p.6.



Um ano após a inauguração da ponte, isto é, em 1976, o jornalista R. Ferraz Filho⁴³ observava para o *Folha do Litoral* as múltiplas benfeitorias que esta trazia para Parnaíba: “construída sobre o rio Igaracu [a ponte] é uma obra de utilidade pública que vem servindo aos habitantes de Parnaíba, aos moradores da Ilha Grande de Santa Isabel e todos aqueles que, em função turística, procuram a famosa Pedra do Sal”⁴⁴. Elo que trazia trabalhadores e estudantes para o centro, permitia ainda que visitantes comesçassem, como será exposto mais a frente, a descobrir o que o Igaracu “separou” por anos: a natureza insular.

Um ano mais tarde, o *Jornal Inovação*, em 1977, assinalava para outra função da obra, dessa vez, servindo não somente para unir: “a ponte Simplício Dias da Silva serve de divisa de um mundo para outro, para inúmeros pontos que num conceito geral, podem se chamar de ‘povoados’”⁴⁵. A edificação – que teria o caráter de integrar e ligar a “cidade” à Ilha, demarcava, concretizava o limite entre a “cidade” e os “celeiros” do município.

A imagem acima tem como elemento central a ponte Simplício Dias da Silva em fase de construção. Nela é possível ver as estruturas usadas para fazer a edificação. Como se pode perceber pela foto, a ponte foi construída “vinda” dos dois lados. A julgar pelo enquadramento da foto, o autor da imagem estava na área insular de Parnaíba, isto é, na Ilha de Santa Izabel. Nota-se pelo ângulo, que no mesmo território não consta a presença de nenhuma obra que seja feita pela ação humana. O lugar está vazio, sendo composto apenas pelo substrato e por uma rala vegetação, possivelmente sobras de mata ciliar que deve ter sido originalmente retirada para dar lugar a alguma plantação.

Já do lado continental, vê-se o Porto das Barcas, local que marca o comércio parnaibano, uma de suas gêneses. O contraste entre a ideia da Ilha como sinônimo de vazio e ruralidade e a cidade de Parnaíba, com sua arquitetura representando a urbes, é apenas mais uma maneira de reforçar o imaginário do atraso social ilhéu. Por ora chega ao fim a excursão sobre a cidade. Faz-se necessário agora reconstruir os “celeiros” de Parnaíba.

Povoados insulares

Atravessar o rio a fim de vender o peixe, o arroz e os demais produtos era para as pessoas que moravam no interior da ilha, antes da edificação da ponte, uma jornada bastante longa e

⁴³ Raimundo Ferraz Filho era jornalista e proprietário da Gráfica Americana. Colaborava para a imprensa parnaibana e para o *Folha do Litoral* desde sua fundação. Foi também presidente do Sindicato dos Jornalistas de Parnaíba. Conferir. FILHO, R. Ferraz. *Folha do Litoral*. 05 de mar. 1980, p. 6.

⁴⁴ FILHO, R. Ferraz. Ponte sobre o Igaracu. *Folha do Litoral*. 25 de mai. 1976, p.4.

⁴⁵ COSTA, Reginaldo. Canto do Igarapé. *Jornal Inovação*. dez. 1977, p. 2.



cansativa. Até os idos de 1975, “ir à Parnaíba quase sempre era uma atividade que exigia esforço físico, disponibilidade, força de vontade e, principalmente, tempo”⁴⁶. Dependendo do povoado, demorava-se horas para chegar até a margem do Igarauçu. Moradores dos povoados mais distantes do centro de Parnaíba, como Cal e Tatus, por exemplo, precisavam acordar cedo para chegar aos mercados parnaibanos.

Os periódicos da época, em certa medida mencionam o trabalho de homens e mulheres para levar o alimento até o centro, o qual posteriormente, seria consumido pelos cidadãos. Contudo, estes documentos quase nunca mencionam a faina diária de inúmeros roceiros, pescadores e verdureiras dentre outros trabalhadores e trabalhadoras que abasteciam a “cidade”.

Na década de 1970 a pobreza era uma experiência comum a quase todos os moradores dos povoados que se situavam na “outra margem” do Igarauçu. O historiador Daniel Braga ao pesquisar a comunidade de Morros da Mariana entre a década de 1970/80 afirmou que “o entendimento de pobreza, sobretudo a partir dos anos 70, abarcou, além dos requisitos nutricionais, outras exigências, como água potável, saneamento básico, educação e cultura”⁴⁷.

O isolamento, a falta de políticas públicas bem como a ausência da ação do Estado não era exclusividade apenas desse povoado, mas também de todos os demais que se localizavam na ínsula pertencente à Parnaíba. Energia elétrica e água encanada eram inexistentes, lampiões e lamparinas à querosene iluminavam as casas no período noturno. Quando não possuíam dinheiro para comprar o combustível, esses sujeitos iam até as matas pegar a lenha.

Uma matéria do *Jornal Inovação* de 1979, retratava as agruras dos moradores dos povoados em busca de água. Segundo a matéria, a “água (para uso doméstico e geral) é[era] apanhada das cacimbas e de lagoas, obrigando dessa forma, as donas de casa, muitas já idosas, a andarem pela areia frouxa com latas d’água na cabeça”⁴⁸. Cacimbas eram buracos feitos no chão arenoso com o auxílio de alguma “coité”, pá ou enxada. Ao atingir algum lençol freático, a água ia aos poucos minando. De lá, as mulheres e não somente idosas como a matéria do *Jornal Inovação* afirma, mas possivelmente meninas, também buscavam a água para ser consumida. Chegando em casa, o líquido era coado em um pano ou fervido na intenção de filtrar e remover as impurezas, após esse processo, a água era armazenada em potes de barro e consumido no dia a dia. Embora “filtrado”,

⁴⁶ SOUZA, Matheus Oliveira de. **A urbe, o rio e a ilha: Parnaíba através de suas relações com os trabalhadores ribeirinhos do Delta do Rio Parnaíba (1975-2015)**. 123 f. Monografia (Graduação em História) - Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2015, p. 42.

⁴⁷ BRAGA. **Corp-oralidades**, p. 28.

⁴⁸ COSTA, Reginaldo. Tatus e Cal – povoados unidos até no abandono. *Jornal Inovação*. set. 1979, p. 4.



é bastante provável que os moradores sofressem com doenças causadas pelo líquido ingerido.

A necessidade material obrigava os pais a empregarem seus filhos já na infância. “Muito cedo essas crianças tinham contato com a lida nas roças, e a aprendizagem para vida adulta se dava na prática cotidiana”⁴⁹. Meninos e meninas tinham suas funções pré-estabelecidas, “as crianças assimilavam a distinção do papel masculino e feminino por meio da observação dos pais e familiares”⁵⁰. Segundo Luana Gomes, esses primeiros “desde cedo eram induzidos a acompanhar seus pais no serviço”⁵¹, por sua vez, as meninas “ajudavam em casa realizando trabalhos domésticos e cuidado dos irmãos menores enquanto suas mães saíam para trabalhar na roça ou para realizar outros serviços, como lavaram roupa no rio”⁵².

Vivia-se do trabalho nos rios, no mar e na roça. A labuta na roça era “um trabalho masculino, pois exigia mais força, porém, mulheres exerciam a função de roceiras tanto no plantio quanto na colheita”⁵³. O arroz era um dos principais gêneros plantados nos povoados insulares, “fonte de sustento de grande parte da população da região”⁵⁴ e seus “campos de produção [estavam] situados em diversas lagoas e nas margens do Delta do Parnaíba”⁵⁵.

Quando a plantação ficava em ilhas próximas, os sujeitos saíam de casa cedo levando consigo farinha de mandioca, feijão, água e rapadura - a mistura poderia ser algum peixe, camarão ou caranguejo capturado nos próprios rios e mangues da região do Delta do Parnaíba. Estas correntes fluviais funcionavam como vias de acesso às plantações. Chegando na roça, o trabalho destas pessoas só começava, “para ‘limpar’ o solo, ateavam fogo nas zonas mais altas ou mesmo utilizavam da maré alta nas partes mais baixas da roça a fim de que fosse retirada a mata nativa, tendo dessa maneira, local para realizar o plantio”⁵⁶.

Os homens desdobravam-se trabalhando na roça e nos rios. As mulheres se dividiam entre as tarefas domésticas, a pescaria e o desgastante trabalho na roça. O que esses indivíduos não conseguiam produzir, era comprado nas poucas vendas existentes na própria ilha, “a compra em

⁴⁹ _____ **Corp-oralidades**, p.32.

⁵⁰ BRAGA. **Corp-oralidades**, p.32.

⁵¹ GOMES, Luana Bittencourt. **“Ilha de brancas dunas”**: história e memória do bairro Tatus em Ilha Grande do Piauí (1975 - 2015). 56 f. Monografia (Graduação em História) Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira. Parnaíba, 2015. 22 p. 35.

⁵² _____ **“Ilhas de brancas dunas”**, p. 35.

⁵³ _____ **“Ilhas de brancas dunas”**, p. 35.

⁵⁴ Importante e oportuno requerimento aprovou a Câmara Municipal. *Folha do Litoral*. 02 de out. 1976, p. 3.

⁵⁵ FERRAZ, R. Ferraz. Produção de arroz em parte sacrificada. *Folha do Litoral*. 24 de jan. 1976, p. 2.

⁵⁶ ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; OLIVEIRA, Pedro Vagner Silva. Memórias sobre modernidade e exclusão: narrativas de agricultores dos Povoados Cal e Tatus, na cidade de Parnaíba (PI) sobre o “milagre econômico” (1969/73) In: FONTINELES. Cláudia Cristina da Silva (et al). **Itinerários da pesquisa em História: a polifonia de um campo**. Teresina: EDUFPI, 2014, p. 206.



pequenos comércios locais e quitandas era uma ação constante em situações de necessidade”⁵⁷. Nestes casos, vendia-se para pagar depois, era o famoso “fiado”, que nem sempre era cedido aos trabalhadores. Rovai e Oliveira utilizando os procedimentos da história oral, entrevistaram trabalhadores da região. Ao analisar a memória de trabalhadores rurais, os historiadores afirmaram que este tipo de venda ocasionava vergonha e desconfiança sobre os trabalhadores dos povoados insulares: “os comerciantes não vendia com bom grado, uma vez que os agricultores não tinha dinheiro e nem sabiam quando iriam receber”⁵⁸.

Se a desconfiança se dava sobre os agricultores, de acordo com Braga, sobre os catadores de caranguejo recaiam o desprezo social e preconceito. Por serem um grupo de trabalhadores que passam horas na lama fétida dos mangues, sua labuta era associada à sujeira e os sujeitos ao próprio animal que capturavam: o caranguejo. Mesmo parte da sociedade insular não os via com bons olhos. Para Braga, “o preconceito não se dava só contra o trabalhador, mas contra a sujeira, a pobreza, a cor da pele”⁵⁹.

Para a cidade eram levados por homens e mulheres, peixes da água doce e da salgada; dos mangues vinham o caranguejo; das coroas dos rios, moluscos, tais como os mariscos. A pequena criação de aves que havia nos quintais das modestas casas feitas de barro e coberta de palha de carnaúba, além de suprir essas pessoas em casos de necessidade, também eram levada até os mercados de Parnaíba.

Os moradores de alguns povoados da Ilha ainda aproveitavam as frutas das estações tais como murici e puçá. Dentre eles, era significativo na vida desses indivíduos o caju. Cajueiros frutificavam em abundância na região que servia para a “alimentação do homem e dos próprios animais racionais”⁶⁰. Além do consumo próprio, o pseudofruto era dado como alimento aos porcos e galinhas. Outra tática de sobrevivência adotada por esses sujeitos, era vender tanto o caju, como a castanha nos mercados, ambos muitos apreciados pelos moradores da “cidade”⁶¹.

As famílias em sua maioria eram constituídas por grande quantidade de filhos, todos os membros precisavam labutar para se manter. Além da família consanguínea, as relações de compadrios e amizade eram também formas de sobrevivência desses homens e mulheres. Os laços de solidariedade criavam “vínculo identitário entre os moradores”⁶². Baseado em respeito mútuo e

⁵⁷ _____. **Itinerários da pesquisa em História**, p. 208.

⁵⁸ ROVAI; OLIVEIRA,. **Itinerários da pesquisa em História**, p. 208.

⁵⁹ BRAGA. **Corp-oralidades**, p.99.

⁶⁰ FILHO, R. Ferraz. Produção do caju. *Folha do Litoral*. 30 de set. 1978, p. 3.

⁶¹ FILHO, R. Ferraz. Produção do caju. *Folha do Litoral*. 30 de set. 1978, p. 3.

⁶² _____. **Itinerários da pesquisa em História**, p. 212.



união, esta forma de combater a pobreza era reforçada a partir do trabalho cotidiano na roça ou nos rios.

As fontes hemerográficas colocam os diversos povoados como lugares de miséria e “carentes de meio de transporte e comunicação”⁶³. Percebe-se nessa documentação a falta de atendimento por parte do serviço público e a exclusão social que os habitantes enfrentavam. Poucos jornais abordam, mas alguns, principalmente as edições dos anos de 1977, 1978 e 1979 do *Jornal Inovação*, informam a ineficácia das ações do Estado nesses espaços. Nas páginas desse periódico, pode-se analisar as contradições do desenvolvimento em Parnaíba desse período.

Embora os periódicos indiquem que a penúria nos povoados aqui estudados, eram no período em questão “evidente”. Algumas pesquisas históricas anteriores feitas sobre estas mesmas comunidades, apontam que a década de 1970 propiciou relativa melhoria na vida de seus habitantes. A construção de estradas e a inauguração da “ponte sobre o Igaracu” foram um dos benefícios trazidos tanto aos povoados quanto à Parnaíba que vivia sob o signo do “Piauí Novo”.

A estrada feita no começo dos anos 1970⁶⁴ trouxe certa comodidade para parte dos trabalhadores dos povoados insulares. Contudo, a obra favoreceu principalmente os habitantes de Morros da Mariana, “as demais comunidades um pouco mais afastadas como Baixão, Cal e Tatus, continuavam sem acesso direto, ou seja, sem estrada. A população dessas localidades, para chegar em Parnaíba permaneciam vindo a pé ou de embarcações”⁶⁵.

Os Morros da Mariana era o “mais populoso”⁶⁶ dos povoados e agia como pequeno centro dentro da Ilha. Embora fosse o maior dos povoados, a situação de seus moradores era bastante semelhante das localidades vizinhas. A referida comunidade agia como “polo” e era, na época, “a maior dispensa da nossa cidade”⁶⁷. Não obstante, frisamos que não somente os Morros, mas outros povoados eram igualmente necessários, “aquela região é[era] de grande importância para a nossa economia de subsistência”⁶⁸, afirmava categoricamente Reginaldo Costa em reportagem para o *Jornal Inovação* do ano de 1979.

⁶³ Morros da Mariana, Cal e Tatus beneficiados. *Folha do Litoral*. 20 de set. 1978, p. 1.

⁶⁴ De acordo com um artigo do *Folha do Litoral*, a estrada dos Morros da Mariana foi “feita e conservada pelo ex-Prefeito Carlos Carvalho. Estrada desintegrada. *Folha do Litoral*. 06 de mai. 1973, p.1. Carlos Furtado de Carvalho foi prefeito de Parnaíba entre 1971 e 1972.

⁶⁵ GOMES. “Ilha de brancas dunas”, p. 22.

⁶⁶ Infelizmente não encontramos dados demográficos oficiais sobre os Morros da Mariana da década de 1970, contudo, em uma das edições de 1985, o *Jornal Inovação* afirmava que nos anos 1980, cerca de 45,52% da população parnaibana encontrava-se no interior do município, por sua vez, o povoado em questão possuía 13,26% do contingente populacional de Parnaíba. Conf. Batista Teles. Parnaíba: crescimento populacional. *Jornal Inovação*. mar/abr. 1985, p.4.

⁶⁷ MENDES, R. Fonseca. Asfaltamento. *Folha do Litoral*. 16 de dez. 1974, p.4.

⁶⁸ COSTA, Reginaldo. Tatus e cal – povoado unidos até no abandono. *Jornal Inovação*. set. 1979, p. 19.



O povoado Tatus, possuía um movimentado porto fluvial que recebia fluxo de trabalhadores e mercadorias das mais diversas áreas do Delta do rio Parnaíba. Devido seu porto, era inegável o valor dessa comunidade para o município tendo em vista que ele era “um grande produtor agrícola⁶⁹” e agia ainda como “entreposto comercial e forte zona pesqueira⁷⁰”. Próximo aos Tatus, o Cal era moradia também de trabalhadores que usavam o solo, os rios e os mangues para sobreviver. Menos importante ainda era o povoado praiano de Pedra do Sal, vila pesqueira que abastecia os mercados parnaibanos com os pescados e que servia em períodos de férias escolares, como um dos balneários⁷¹ do município.

A natureza da ilha, ou melhor, os elementos naturais tais como rios, mangues, mar e vegetação servia para que os moradores dos Morros da Mariana, Cal e Tatus, conseguissem driblar a pobreza material presente em suas vidas. De acordo com Braga,

nos rios não faltavam peixes e camarões; as canoas atracavam no porto abarrotadas de pescados; os mangues de outros tempos eram verdes, viçosos, e ocupavam vastas áreas repletas de caranguejo. As roças, por sua vez, não paravam de produzir, seja arroz, banana, cana-de-açúcar, enquanto as fábricas de pilar arroz viviam cheias⁷².

Se a falta de capital era uma constante para esses indivíduos, por outro lado, a abundância dos recursos naturais da região os ajudavam a sobreviver. Relativamente distante um dos outros, as condições de vida de todos esses lugares eram semelhantes. Na crítica social contida em uma das edições de 1979 do *Jornal Inovação*, podia-se ler sobre a condição da população parnaibana mais humilde que morava na “outra margem” do rio Igarapé.

Os indivíduos eram “marcados pelo sofrimento, angústia e opressão, somos o Piauí do canto do Igarapé, Morros da Mariana, Ilha Grande e Tatus, para não ir mais longe⁷³”. A crítica do jornal veiculava aos seus leitores o descompasso, ou melhor, as contradições da cidade.

Apesar dos bairros suburbanos do continente serem igualmente pobres, o *Jornal Inovação* nessa matéria absteve-se da pobreza urbana, selecionando os povoados ilhéus enquanto torrões de miséria. O desenvolvimento parnaibano, tão bem quisto nas páginas dos jornais na primeira metade

⁶⁹ Estrada particular. *Jornal Inovação*. dez. 1979, p. 4.

⁷⁰ Estrada particular. *Jornal Inovação*. dez. 1979, p. 4.

⁷¹ Sobre a função balneária de Pedra do Sal pode-se ler os livros de memórias sobre Parnaíba. Conf. Carlos Araken. Pedra do Sal tinha uma rainha, era a Glorinha In: **Estórias de uma cidade muito amada**. Parnaíba: [s.e], 1988, p.30; CAMPOS, Humberto de. Pedra do Sal In: **Memórias inacabadas**. São Luís: Instituto Geia, 2009, p. 108 e ARAÚJO, Maria Elita Santos de. **Parnaíba: o espaço e o tempo**. Parnaíba, 2002, p. 83. Para além dos memorialistas, há indícios nos periódicos de que a praia era explorada mesmo antes da construção da ponte, um aviso impresso na segunda página do *Folha do Litoral* do dia 04 de janeiro de 1973, sinaliza que existia um bar na referida praia, bem como ônibus que iam até Pedra do Sal.

⁷² BRAGA. **Corp-oralidades**, p. 70.

⁷³ EDITORIAL. “O milagre” piauiense e o santo de casa. *Jornal Inovação*. 31 de jan. 1979, p 5.



da década de 1970, aparecia no *Jornal Inovação* no final desse período como incongruente.

Outras matérias assinalavam as incoerências do desenvolvimento parnaibano no tempo em questão. O *Jornal Inovação* em uma matéria veiculada no fim dos anos 1970, afirmou: “os povoados de Tatus e Cal são apenas uma demonstração mínima de que a imagem de um ‘Piauí Novo’ criada demagogicamente, não funciona. Portanto, não existe”⁷⁴. Há que se entender que os periódicos são espaços de lutas.

As ideias circuladas nas páginas dos jornais não apenas informam. A imprensa e as demais mídias além de informarem e expressarem opiniões, “delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos”⁷⁵. Nota-se o embate de ideias entre os três jornais do período, enquanto o *Norte do Piauí* e o *Folha do Litoral* propalavam aos seus leitores as modificações ocorridas em Parnaíba na década de 1970, o *Jornal Inovação*, como vimos anteriormente, ressaltava os problemas enfrentados pelas áreas mais pobres do município.

Não obstante, frisamos que o desenvolvimento da cidade sentido nesse momento era publicado também no referido jornal, como pode ser visto em uma de suas matérias saída em 1979, “a pacata Parnaíba tem perdido muito de sua beleza e pureza de pequena cidade, consequência no natural processo evolutivo”⁷⁶. Contudo, comparado aos outros dois jornais do período estudado, este fazia críticas mais constantes e incisivas. Reginaldo da Costa, um dos fundadores do *Jornal Inovação*, no artigo “3º Polo turístico nacional – a piada da década de 70”, saído em novembro de 1979, energicamente concluía: “é a maior piada da década de 70, dizer que Parnaíba é a cidade-sede do 3º Polo Turístico Nacional”⁷⁷.

O que chama atenção apesar das discordâncias e embates na imprensa parnaibana do período, é a valorização da natureza. No primeiro número do *Jornal Inovação*, Reginaldo Costa Lima escreveu, “são maravilhosos os espetáculos que nos oferece a paisagem parnaibana onde a bela natureza de tal modo se esmera em suas grandes, que consegue prender e enfeitiçar os olhos de qualquer visitante”⁷⁸. A paisagem natural era quase sempre associada à exploração econômica, enquanto que os trabalhadores dos povoados pouco apareciam nas mesmas matérias. No contexto dos anos 1970, Parnaíba passou a ser o “3º polo turístico nacional”⁷⁹. Título este que, embora contestado pelo *Jornal Inovação* em fins dessa década, era largamente ostentado e veiculado não

⁷⁴ COSTA, Reginaldo. Tatus e Cal – Povoados Unidos até no Abandono In: *Jornal Inovação*. ?? de set. 09. 1979, p. 4.

⁷⁵ CRUZ, Heloisa; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, v. 35. n 35, p. 253-270, dez. 2007, p.258.

⁷⁶ Progresso? *Jornal Inovação*. mar. 1979, p. 10.

⁷⁷ COSTA, Reginaldo. 3º Polo turístico nacional – a piada da década de 70. *Jornal Inovação*. nov. 1979, p. 13.

⁷⁸ LIMA, Reginaldo Costa. Paisagem parnaibana. *Jornal Inovação*. dez. 1977, p. 7.

⁷⁹ *Almanaque da Parnaíba*. 1974, p. 39.



apenas nos jornais *Folha do Litoral* e *Norte do Piauí*, mas inclusive no *Jornal Inovação*.

Embora *lôcus* de pobreza, alguns dos povoados, de acordo com os periódicos analisados, eram importantes para a cidade pois, além dos alimentos que forneciam, eram entendidos como um dos pontos turísticos do município e deveriam ser explorados pela sua paisagem natural.

Natureza e turismo

A ponte Simplício Dias e a estrada que ligava Parnaíba aos Morros da Mariana (sede da Ilha Grande) e à Pedra do Sal como já foi mencionado, serviram para melhor escoar os produtos agrícolas e pesqueiros para a cidade. Porém, tendo em vista que as cidades são espaços de disputas, o poder público e suas ações bem como as obras na *urbes* devem ser desnaturalizadas e problematizadas.

A arquiteta Raquel Rolnik afirma que no contexto urbano “a lógica capitalista passa a ser então um parâmetro essencial na condição de uma política de ocupação da cidade, que se expressa também na intervenção do Estado”⁸⁰. Dessa forma, a ponte Simplício Dias não pode ser compreendida apenas como obra de utilidade pública como informavam algumas matérias dos periódicos. Não estamos contestando as benesses que essa obra trouxe para os “dois lados” de Parnaíba, todavia, é importante buscar compreender as transformações que ela trouxe para a população parnaibana.

A partir da análise sobre os jornais do período, nota-se que a ponte não tinha apenas a intenção de favorecer os trabalhadores dos povoados. Dado o contexto de efervescência do turismo e de sua imagem enquanto geradora de capital, é provável que a ponte possuisse como foco favorecer não apenas o curso diário dos trabalhadores insulares para o centro da cidade, mas possibilitar também o fluxo de turistas para a Ilha.

A partir dos periódicos percebeu-se que a natureza da Parnaíba insular era enormemente valorizada na década de 1970. Dos povoados localizados nessa insula, Pedra do Sal era a mais explorada – por causa do mar - nas páginas dos periódicos. Das várias matérias encontradas que falavam sobre Pedra do Sal, transcrevemos um texto de R. Ferraz Filho publicado no *Folha do Litoral*, observemos a apologia que este autor faz sobre a paisagem do lugar.

É considerado como parte do terceiro plano Turístico do Norte, a bela e encantadora [...] Pedra do Sal. [...] Quem conhece a Pedra do Sal, tem a magnífica ideia de que a natureza proporcionou a aludida praia, tudo que se fazia necessário para a formação de encantos e rara beleza, que podemos dizer que tem todos os caracteres de cortins que ornamenta grande parte do **NOSSO** litoral e desperta

⁸⁰ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1998, p. 54-55.



pela sua rara beleza, curiosidades e admiração a todos aqueles que dela se aproxima, para contemplarem dali de cima das lindas pedras que localizadas as margens do litoral piauiense, trazem aos seus visitantes, saudades e recordações⁸¹[Grifo nosso].

A contemplação da paisagem praiana da Pedra do Sal, de acordo com o autor deste texto, trazia sensações: saudades e recordações. O artigo enaltecia a paisagem natural, convidando inclusive o leitor a conhecer o lugar. O texto de Ferraz Filho possivelmente tinha duas intenções, a primeira, - a qual suprimimos em parte - galgar melhorias na infraestrutura, tais como a pavimentação da estrada que se encontrava deteriorada em 1976.

Para o referido autor, era primoroso reivindicar “o transporte rodoviário para proporcionar aos turistas, meios para atendimento de seus desejos, que são, sem dúvida, de conhecerem a mais bela praia do norte brasileiro”⁸². Desse modo, um dos objetivos do jornalista era chamar a atenção das autoridades públicas e dos leitores. Em sua visão, o transporte seria um suporte necessário para que os visitantes chegassem nesta praia.

A segunda intenção de Ferraz Filho era, provavelmente fazer os parnaibanos tomarem para si a qualidade da praia no cenário turístico e sua importância. O jornalista aparentava ter como um dos objetivos, fazer com que os cidadãos se apoderassem de seu patrimônio natural. A “posse” cidadina sobre a praia da Pedra do Sal parece ter sido algo comum na imprensa local analisada.

A valorização da paisagem nas páginas dos periódicos parnaibanos motiva-se devido o interesse econômico, mais precisamente acerca do mar como atrativo turístico que traria benefícios sociais e econômicos para Parnaíba. Os adjetivos empregados nas descrições dos elementos que formavam o “quadro” que Ferraz Filho “pintou”, podem ser compreendidos como recurso apelativo que causava sensações nos leitores.

A forma de mostrar que Pedra do Sal fica em outro território, separada de Parnaíba por uma corrente de água fluvial e que uma ponte liga as duas regiões, faz em certa medida aceção, cria distanciamento além de físico, imaginário das áreas praianas e central. Essa separação que o autor enfatiza é por nós percebida como recurso.

De acordo com Maria da Glória Lanci da Silva “a produção da paisagem turística envolve, de um lado, os meios de comunicação que veiculam as imagens e descrições dos lugares; de outro, a construção de cenários de lazer pelas intervenções urbanísticas e através da arquitetura”⁸³. Partindo desse pensamento e transportando para o contexto estudado, compreende-se a

⁸¹ FILHO, R. Ferraz. Pedra do Sal. *Folha do Litoral*. 25 de set. 1976, p.3.

⁸² FILHO, R. Ferraz. Pedra do Sal. *Folha do Litoral*. 25 de set. 1976, p.3.

⁸³ SILVA, Maria da Glória Lanci. **Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer**. São Paulo: Aleph, 2004, p. 27.



valorização das paisagens naturais de Parnaíba nos jornais circulados nessa cidade durante os anos 1970.

Os periódicos parnaibanos agiriam não somente como meios de circulação de ideias, mas também, de imagens, em especial das paisagens. Ora, os turistas, visitantes e mesmo parnaibanos moradores do continente que lessem os jornais do período, eram incitados a conhecerem aqueles locais descritos nas páginas dos periódicos. Não somente a Ilha era explorada, mas espaços localizados na área urbana, por exemplo, a Casa Grande, a Praça da Graça ou a Praça Santo Antônio eram considerados “pontos turísticos”⁸⁴.

Dessa maneira, observa-se que não somente a natureza era admirada, mas também, lugares históricos ou monumentos eram considerados importantes para a chamada “indústria sem chaminés”. Ainda que interessante, não iremos nos ater em profundidade sobre esses demais lugares, tendo em vista que fugiria da discussão aqui proposta. Dos povoados mais bem explorados pelos periódicos em relação ao turismo e aos seus interesses, ressaltamos a Pedra do Sal.

É interessante analisar a forma como os periódicos tratavam esse lugar. A praia da Pedra do Sal por estar situada em uma ilha, ganhou “reforço” pela imprensa. Essa conferia para a referida praia a imagem de lugar exótico. A fim de compreender esse exotismo, convém retornar para o problema da praia de Parnaíba (Pedra do Sal), estar localizada em uma insula.

O próprio território onde Pedra do Sal se encontra já é uma especificidade, afinal a praia encontra-se numa ilha separada da “cidade” por um rio. As ilhas habitam o imaginário das pessoas, espécie de microcosmos, são compreendidas como recintos de paz e recanto de belezas. Lugares únicos e que repassam mistérios e fascínio. As insulas ao longo da história povoaram e ainda povoam o imaginário humano.

Para Antônio Carlos Diegues, “a chegada à ilha implica numa viagem, num transportar-se a outro espaço do qual sempre se retorna”⁸⁵. A ponte, retratada em algumas edições como limes entre os dois territórios de Parnaíba, agia de maneira dúbia: separar/ligar. Desta feita, quando separava, no caso do turismo, ela possuía também a função de seduzir, ou melhor, atrair visitantes. O Igarauçu, fronteira natural que separava a “cidade” dos povoados, assinalava que uma travessia deveria ser feita para que se pudesse chegar à outra margem.

O ato de atravessar o mar ou um rio para se chegar a um pedaço de terra rodeado por água é um desafio que cria expectativa e ânimo nas pessoas. É esse o principal atrativo das ilhas oceânicas

⁸⁴ Conf. NEVES FILHO, Ademar Gonçalves. Pontos Turísticos de Parnaíba. *Folha do Litoral*. 27 de set. 1978, p.4.

⁸⁵ DIEGUES, Antônio Carlos. **Ilhas e mares**: simbolismo e imaginário. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 107.



para turistas, uma encantadora aventura. Todavia, para se chegar até a Ilha Grande de Santa Isabel não era preciso atravessar o mar, a insula não é oceânica, mas fluvial e marítima, localizando-se a poucos metros depois do rio. Por muitos anos atravessou-se o rio Igarauçu em canoas, mas a partir da construção da ponte Simplício Dias em 1975, bastava apenas cruzar a ponte e o visitante já estaria na referida insula, ou melhor, no “outro lado do Igarauçu”.

A travessia, embora curta, não desqualifica a especificidade da aventura. “Não é necessário que a ilha seja longínqua, nem mesmo de acesso difícil: o importante é que uma fronteira visível marque seus limites, menos como um obstáculo material que como um sinal de *alteridade*”⁸⁶. Dessa forma, observa-se uma relação dupla de separação/integração da ilha e, por conseguinte da praia com a cidade.

Ao subir a ponte, o turista poderia em olhar panorâmico, ver o espetáculo que lhe aguardava. Entretanto, a aventura não se findava com a travessia do Igarauçu. De acordo com um artigo de 1978 do *Folha do Litoral*, ao ir à Pedra do Sal, os visitantes seguiam viagem em “rodovia asfaltada, descortinando um belo cenário verdejantes carnaubais e frondosos cajueiros contrastando com as alvas dunas”⁸⁷. A natureza parnaibana, esta riqueza⁸⁸ abundante e seus elementos acompanhavam os visitantes.

Com o advento do turismo na região, as funções das comunidades insulares foram ressignificadas. O que anteriormente eram comunidades formadas por indivíduos que se utilizavam dos solos, rios, mangues e mar para sobreviverem - foram sendo entendidas também, a partir desse momento pelos periódicos, como “pontos turísticos”. Observa-se que não necessariamente a imagem dos que moravam nos povoados insulares tenha se modificado na imprensa. Apesar da natureza e de sua importância para o turismo, essas pessoas continuarem sendo entendidos como trabalhadores pobres.

Chama atenção que o *Jornal Inovação* apresentava em algumas de suas edições as contradições sociais sentidas na Ilha Grande de Santa Isabel. No ano de 1979, Reginaldo da Costa em outro artigo publicado no referido jornal, afirmou a ineficácia da indústria do turismo no litoral piauiense: “neste empobrecido estado [...] do outro lado da ponte Simplício Dias da Silva, onde a imagem de um ‘Piauí novo’ não funciona, querem transformar um povoado em celeiro turístico às

⁸⁶ RACAULT *apud* DIEGUES, Antônio Carlos. As ilhas e arquipélagos tropicais brasileiros: práticas sociais e simbólicas In: _____, Antônio Carlos (org.). **Ilhas e sociedades insulares**. São Paulo: NUPAUB, 1997, p. 13.

⁸⁷ LIMA, Olavo Araújo. 12. Pedra do Sal. *Folha do Litoral*. 21 de out. 1978, p.3

⁸⁸ EDITORIAL. Desprezo. *Folha do Litoral*. 29 de mai. 1976, p.1.



custas da miséria popular. Trata-se da Pedra do Sal⁸⁹.

No trecho transcrito, mais uma vez a ponte figura como fronteira, o qual o “outro lado” é caracterizado pelo pauperismo e miséria social. A Pedra do Sal aparecia nesse artigo do *Jornal Inovação*, não como balneário ou enquanto lugar de belezas naturais onde o mar encontrava-se com os rochedos, mas como espaço explorado, o qual sua gente, marcada pela pobreza era relegada à segundo plano, importando mais a natureza que o fator social. O artigo sombriamente concluía essa exploração: “o povo da Pedra do Sal não pode ser marginalizado sob preferência dos exploradores materialistas desprezando as condições humanas de subsistência ou então acabarão contribuindo para o desajuste daquela comunidade antes tranquila, hoje poluída, destruída, ignorada?”⁹⁰.

O turismo, em tese, buscava trazer no período estudado, nova imagem à “outra Parnaíba”, a qual era território de belas paisagens, os moradores desses lugares e sua pobreza material ainda permaneciam, sendo inclusive veiculados nos jornais citadinos da década de 1970. Em outubro de 1979 o *Jornal Inovação* publicou que uma nova modificação estrutural estava sendo feita na outra margem do Igarapé:

É fabulosa a obra que estão construindo na ilha Grande de Santa Izabel: Trata-se da estrada Morros da Mariana – Pedra do Sal. Pois bem: não somos contra um anseio do povo dos Morros, achamos ignorância e falta de visão daquilo que realmente significa um feito que venha beneficiar as comunidades as comunidades mais carentes⁹¹.

Acreditando ser uma obra que não atendia as demandas populares dessas comunidades, mas a dos políticos, percebe-se a crítica do periódico acerca da estrada. Os jovens do *Jornal Inovação* em editorial saído em dezembro de 1979, censuravam uma vez mais a construção dessa estrada.

Parnaíba está construindo uma estrada que liga Morros da Mariana a Pedra do Sal. Ora, esta estrada é supérflua, pois não tem nenhum cunho socio-econômico, além de essa ligação já ser feita através do entroncamento com a estrada Parnaíba – Pedra do Sal [...] é uma burrada e dinheiro gasto desnecessariamente⁹².

Como pode-se ler, esse editorial tinha como objetivo alertar os seus leitores tanto sobre a irrelevância da obra – tendo em vista que pouco atendia as populações locais- quanto mostrar o real interesses de seus empreendedores. Segundo ambas as matérias citadas anteriormente, a construção da estrada ligando Morros da Mariana à Pedra do Sal, não tinha nenhum benefício

⁸⁹ COSTA, Reginaldo da. Crianças da Pedra do Sal clamam por escolas. *Jornal Inovação*. Parnaíba, mai. 1979. p.17

⁹⁰ COSTA, Reginaldo da. Crianças da Pedra do Sal clamam por escolas. *Jornal Inovação*. Parnaíba, mai. 1979 p.18.

⁹¹ Canto do Igarapé. *Jornal Inovação*. out. 1979, p. 20.

⁹² Estrada particular. *Jornal Inovação*. dez. 1979, p.4.



social.

Os objetivos dessa estrada eram para o *Jornal Inovação*, político e econômico, tendo em vista que possibilitaria aos visitantes conhecerem e desfrutarem de ambos os lugares. Atendendo assim aos turistas e não aos moradores dos povoados. Os trabalhadores do Cal e Tatus, por exemplo, continuariam a levar seus produtos em barcos e canoas até Parnaíba ou então, carregavam em suas costas as mercadorias até os Morros da Mariana, para somente a partir dali transportar nos ônibus - caso pudessem pagar - seus produtos até o centro da “cidade”.

Considerações finais:

A década de 1970 era apresentada na imprensa parnaibana como período em que a cidade tornava a se desenvolver. Nesse contexto, os povoados serviam como celeiros para cidade. Os trabalhadores que alimentavam Parnaíba continuaram sua vida em seus esforços diários, o mar, os rios, roças e mangues eram as oficinas desses indivíduos que viam no trabalho tanto a forma se manterem vivos.

Para além da abundância dos recursos naturais, os trabalhadores dos povoados insulares lançavam mão de outros artifícios para poder burlar a pobreza material. A vivência cotidiana, as amizades e o compadrio eram importantes formas de se ampararem ante as adversidades. Embora boa parte dos periódicos fizessem silêncio no tocante ao cotidiano e dificuldades vivenciadas pelos moradores desses lugares e mencionassem apenas brevemente as condições e também acerca do trabalho que realizavam, compreendemos diante do exposto que esses indivíduos não eram passivos: eles combatiam a pobreza pelo trabalho que era realizado utilizando os recursos naturais da região.

Por outro lado, a natureza insular nesse período foi valorizada pela imprensa da cidade, não no sentido de preservar, mas sim de explorar as paisagens naturais. Observa-se esse interesse principalmente acerca da antiga vila pesqueira de Pedra do Sal, torrão da cidade que começou a ganhar maior valorização pela imprensa cidadina. O turismo era retratado nos jornais de Parnaíba dessa década, como uma forma que traria em tese, desenvolvimento para a cidade.

Contudo, para isso, era necessário zelar esses bens naturais, fazendo bom uso deles. Em um editorial de novembro de 1979 o *Jornal Inovação* afirmou: “os nossos recursos naturais, considerados centros turísticos estão desprezados. Lagoa do Portinho, Pedra do Sal, Morros da Mariana [...] estão necessitando de cuidados de toda ordem”⁹³. Desse modo não bastava

⁹³ EDITORIAL. A luta continua - Urbanização da zona de turismo. In: *Jornal Inovação*, Parnaíba, out. 1979, p. 3.



simplesmente deter o domínio sobre as paisagens. Era igualmente importante a manutenção desses lugares.

Entendidos como pontos turísticos, compreendeu-se que a natureza desses locais era importante para a cidade, sendo largamente explorada pela imprensa. Contudo, a pobreza e as privações que os moradores sofriam, pouco eram mencionadas nos jornais. A pobreza material dos trabalhadores insulares eram contrastada pela natureza do lugar em que viviam.

Apesar da ponte Simplício Dias ter facilitado o transporte desses indivíduos da Ilha para Parnaíba - as transformações que o turismo deveria trazer e o desenvolvimento parnaibano tão bem quisto e mencionado nos periódicos da década de 1970, não atendia, ou contemplava toda a cidade, tampouco os trabalhadores que moravam nos povoados insulares. A ideia do turismo enquanto atividade que traria desenvolvimento para Parnaíba não se findou no período aqui estudado. A ideia do turismo, da “indústria sem chaminés” permaneceu mesmo na década de 1980, muito embora Parnaíba e sua posição de “3º Polo Turístico” fosse ainda contestada⁹⁴.

⁹⁴ GENUINA, Sólida. Turismo vocação frustrada. *Jornal Inovação*, Parnaíba, jun. 1984, p.6.